

Autor

Hernâni Donato é escritor, jornalista, historiador, relações-públicas e produtor cultural. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, integra também as Academias de Letras de São Paulo, Santos e Brasília.



Sua vasta obra literária – são mais de sessenta livros – compõe-se de contos, romances, literatura infantojuvenil, biografias e historiografia. No gênero romance, podemos citar *Filhos do Destino*, *Chão Bruto*, *Selva Trágica* e *O Caçador de Esmeraldas*.

Entre os infantojuvenis, foram publicados *Histórias da Floresta*, *Façanhas do João Sabido*, *O Tesouro* e *Contos dos Meninos Índios*. É autor das biografias de José de Alencar, Vicente de Carvalho, Casimiro de Abreu, Vital Brasil, Rápido Tavares, Galileu e outros.

Dentre seus livros de História, destacam-se *A Revolução de 32*, *Dicionário das Batalhas Brasileiras*, *Breve História do Brasil*, *Os Índios do Brasil* e *O Cotidiano Brasileiro nos Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX*.

Ficha

Autor:

Hernâni Donato

Ilustradora:

Mônica Haibara

Série:

Lendas Indígenas

Títulos:

A Barca da Tartaruga, A Descoberta das Frutas, As Noivas da Estrela, Os Meninos Que Se Tornaram Estrelas, Quando os Bichos Eram Gente e Por Que o Sol Anda Devagar

Formato:

20,5 x 20,5 cm

Nº de páginas:

24

Elaboração:

Sonia Maria Soares dos Reis

Requisitado conferencista, autor de ensaios e artigos de temas históricos, Hernâni Donato, na coleção *Lendas Indígenas*, proporciona a construção de um conhecimento sensível sobre as cosmovisões e a alteridade indígenas no país, considerando as culturas carajá, guarani, taulipangue e caiowá/caiuá. Revela, por meio das lendas, o papel da oralidade e das tradições desses povos. Registra, em palavras impressas sobre o papel, a voz indígena, o seu saber cultivado de geração em geração e nos ajuda a rever os conceitos que temos sobre a natureza, as relações humanas e sobre nossa casa, a mãe Terra.



Quadro sinóptico

Gênero: lenda

Palavras-chave: cultura indígena, lendas carajá, guarani, taulipang e caiowá

Temas Transversais:

pluralidade cultural e ética

Interdisciplinaridade: Artes, Língua Portuguesa, Geografia, Ciências, História, Filosofia e Educação Física



Acervo básico
Categoria reconto
2003

INDICAÇÃO:
Leitor
em processo
a partir dos

8
anos
ensino
fundamental

Outro olhar

Na tradição indígena, o educador é aquele capaz de contar histórias que ensinam comportamentos e atitudes. Esses valores humanos são fundamentais para que todas as pessoas da comunidade se sintam participantes do grande mistério da existência.

Daniel Munduruku

Disponível em www.cultura.mg.gov.br.

Acesso em 20 jan. 2011.

Indigenista e historiador, o escritor Hernâni Donato, em consonância com o ponto de vista de Daniel Munduruku, revela que a oralidade é imprescindível para o educador que queira lidar com a temática “a beleza da cultura indígena brasileira por meio de suas lendas”.

Sabe-se que os povos indígenas buscam, em suas comunidades, praticar sua cultura e fortalecer seu modo de vida. Jovens e velhos lutam para manter vivas as formas de relacionamento com a mãe Terra – que segundo eles é o “berçário da humanidade”, a despeito da ausência de

políticas públicas efetivas que garantam o registro e a preservação das expressões culturais indígenas.

Vem daí a importância de conhecer e ler a coleção Lendas Indígenas, que reúne histórias tradicionais dos povos carajá, guarani, taulipangue e caiowá: *As Noivas da Estrela, A Descoberta das Frutas, Por Que o Sol Anda Devagar, A Barca da Tartaruga, Os Meninos Que Se Tornaram Estrelas e Quando os Bichos Eram Gente*. Esses relatos mostram a preocupação do autor com a preservação da língua, fonte de identidade desses povos.

Através do olhar de um observador de fora da aldeia, o leitor é convidado a conhecer obras literárias que visam o fortalecimento da ancestralidade indígena – latente –, que precisa ser reforçada para que se apaguem os estereótipos que a população brasileira em geral tem do índio em nosso país.

Assim, a coleção contribui para o aprimoramento dos projetos e das

práticas educacionais comprometidos com a reeducação das relações étnico-raciais e com o ensino de história e cultura indígenas nas escolas, motivando um processo de desconstrução e construção de representações sobre as culturas indígenas no Brasil. ■



Para começar a conversa...

Caro professor,

Acredito que ler é configurar uma terceira história, construída em parceria a partir do impulso movedor contido na fragilidade humana, quando dela se toma posse. A fragilidade que funda o homem é a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o aluno para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído.

Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o aluno para tomar da sua palavra. Ler a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra.

Ler é encantar-se com as diferenças. ■

(Bartolomeu Campos de Queirós)

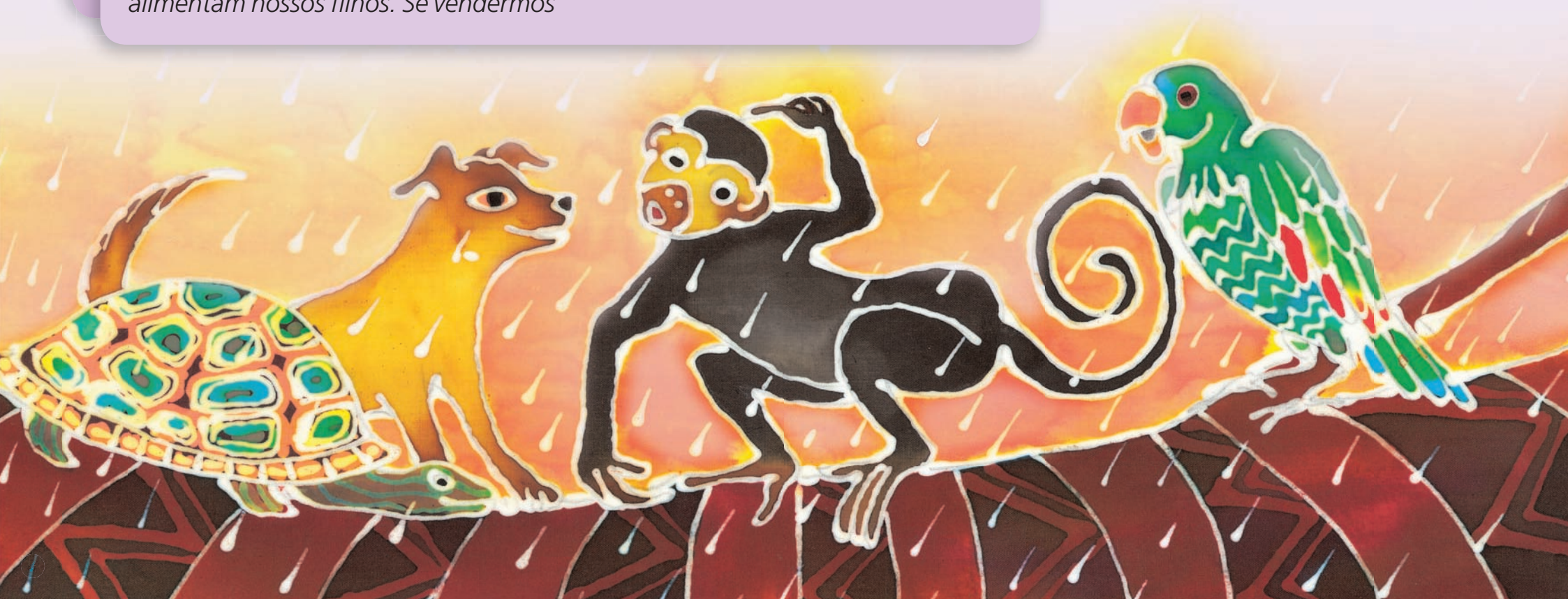


Caro professor, as palavras atingem distâncias enormes... Por meio delas ecoa ainda o "clamor" do cacique Seattle, em 1854, ao Grande Chefe de Washington, o presidente dos Estados Unidos da América, em resposta aos que vieram comprar suas terras:

Esta terra é sagrada para nós. Essa água brilhante que corre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais. Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede, transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se vendermos

esta terra, ensine seus filhos a serem fraternos com eles. E, aos rios, dedique todo carinho que caberia a um irmão. [...]

Talvez, apesar de tudo, sejamos todos irmãos. Veremos isso. ■



Para os índios, as palavras possuem “espírito”; elas só podem dizer o que é verdade. O sagrado é encenado por palavras. Ao lê-las ou pronunciá-las, a vida dos povos da floresta se manifesta – os cantos sagrados, o som mágico dos chocalhos, do maracá e das flautas de bambu, as danças, ecoam e fazem com que nos encantemos com as diferenças.

Ler *Por Que o Sol Anda Devagar, Quando os Bichos Eram Gente, Os Meninos Que Se Tornaram Estrelas, As Noivas da Estrela, A Descoberta das Frutas e A Barca da Tartaruga* é evadir-se com o outro. Ao ler esses textos com os alunos, o professor pode *romper as grades do isolamento* e permitir que o processo educativo considere toda essa diversidade ao estabelecer vínculos de vivência comum entre índios e não índios e a construção de laços profundos entre o seu aluno e as sociedades indígenas.

Como salienta Campos de Queirós, “é mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído”, trata-se de um conceito de educação escolar caracterizado pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas. Trata-se da ressignificação da instituição escolar em um espaço de construção de relações interétnicas orientadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação para a manutenção da pluralidade cultural.

Convidamos você, professor, para trilhar esse caminho e, com seu aluno, *configurar uma terceira história*, anunciada por meio das palavras de Hernâni Donato. ■

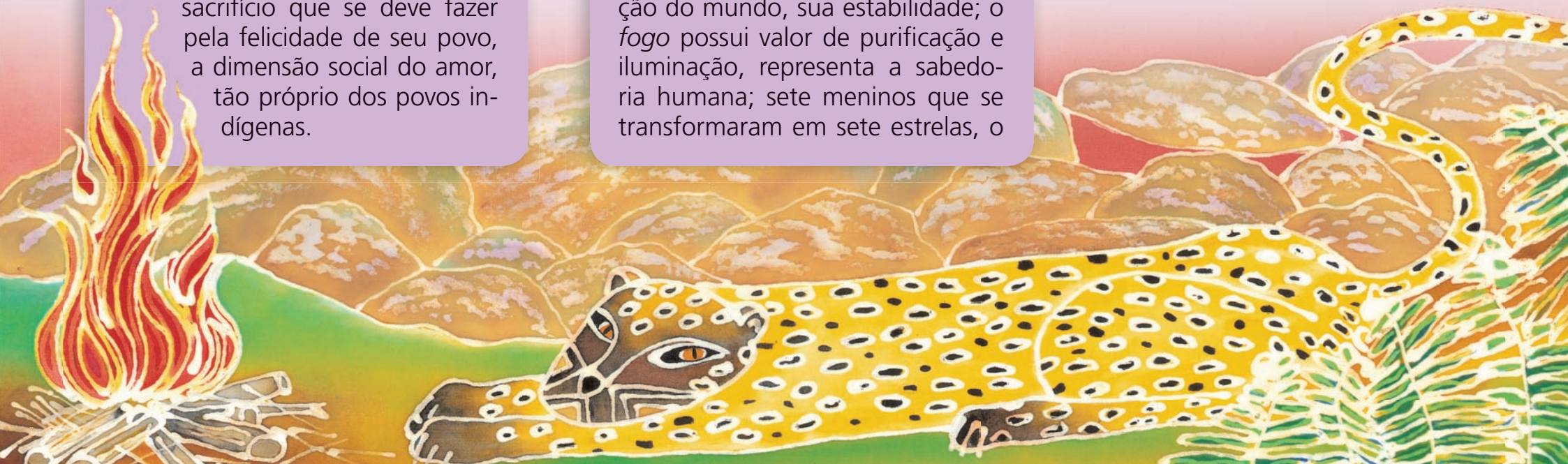


Hernâni Donato soube reunir um material de grande potencial informativo e educativo acerca das culturas indígenas. Sábio, o autor revela, nas entrelinhas dessas histórias, a consciência de que é preciso agregar à visão do povo brasileiro que somos um povo de etnia milenar; por isso faz-se necessário que nos apropriemos da perspectiva de valores universais contidos nas narrativas e em outras linguagens próprias da cultura indígena. A vida tecida com fios, *tramas da existência*. Experiências humanas – frustrações, sonhos, solidariedade, decepções, ambição, brigas. Perdas e sacrifícios. E o amor – que se nutre por alguém – ligado a um sacrifício que se deve fazer pela felicidade de seu povo, a dimensão social do amor, tão próprio dos povos indígenas.

As mãos da ilustradora Mônica Haibara criam, por meio das tramas em batik (*batik*), técnica milenar de pintura em tecidos, o *mágico tecido* do mundo indígena, e este se delinea através de ornamentos e de elementos decorativos condicionados por ideias e sentimentos milenares. São igualmente mágicos e simbólicos, e não somente estéticos. A estilização dos temas, a gama de cores empregadas, a textura, o movimento, a composição dos personagens, enfim cada um dos elementos utilizados abriga um significado, conta uma história: a *árvore da vida*, símbolo da eternidade; a *tartaruga*, símbolo do Universo, garante a sustentação do mundo, sua estabilidade; o *fogo* possui valor de purificação e iluminação, representa a sabedoria humana; sete meninos que se transformaram em sete estrelas, o

número sete indicando sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva, ou seja, simbolizando a totalidade do espaço e do tempo; o *Sol*, fonte da luz, do calor, da vida; a *estrela*, símbolo da vida eterna dos justos...

Donato e Mônica vivificam a poesia dos mitos indígenas! Vamos a eles! ■



O livro na sala de aula

Preparando a leitura

É muito bom cantar e tocar um instrumento!

A coleção Palavra Cantada, da Editora Melhoramentos, traz importantes noções sobre música. Reúna, então, os alunos para que se divirtam com o ritmo das canções. Brinquem de “ouvir música”. Em seguida, assistam ao clipe ou ouçam o CD *Palavra Cantada 5*, com a música “Sol, Lua, Estrela”:

Quando a Lua chega,
De onde mesmo que ela vem?
Quando a gente nasce
Já começa a perguntar:
– Quem sou? Quem é?
– Onde é que estou?

Mas, quando amanhece,
Quem é que acorda o Sol?
Quando a gente acorda
Já começa a imaginar:
– Pra onde é que vou? Qual é?
– No que é que isso vai dar?

Quando a estrela acende,
Ninguém mais pode apagar,
Quando a gente cresce,
Tem o mundo pra ganhar.
– Brincar, dançar, saltar.
– Correr, meu Deus do Céu,
Onde é que eu vim parar?

E, no embalo da música,
deixe-os se integrar e
se socializar. ■



Atividades

As atividades sugeridas podem sofrer “adequação” ou “modificação” de acordo com o horizonte de experiência do seu aluno, professor. Lembre-se de que o leitor em formação participa desse processo com o auxílio de um mediador, que sabe estabelecer a interlocução leitor-texto. No movimento de participar e criar, os alunos interagem e aprendem com o mediador e com os colegas.

Chame a atenção para o ritmo e peça aos alunos que busquem identificar os diferentes instrumentos para ativar a percepção musical.



Momento especial

Em homenagem à Palavra Cantada, sugerimos que os alunos mais adultos, em parceria com professores de arte, interpretem a música com outro estilo (hip-hop, reggae, MPB, rock...). E apresentem para toda a escola.

Individualmente ou em grupo, os alunos poderão produzir uma representação gráfica (desenho, colagem, mural de fotos) para apresentar seu entendimento da música: um documento visual a partir do texto *Sol, Lua, Estrela*.

Mediante esse enfoque, aproveite para aprofundar o tema da música: qual a importância do Sol, da Lua, das estrelas para a humanidade?

Dialogar: questione se algum deles conhece o personagem histórico que

escreveu *Canto das Criaturas* e que chamava o Sol, a água e a Lua de irmãos. Quem é ele? Como viveu?

Pergunte se eles também consideram “o Sol, a Lua e a água” seus irmãos e peça que eles expliquem por quê. Questione-os se conhecem algum povo, que, como São Francisco de Assis, vive em comunhão com os rios, as árvores, os animais.

Examine com os alunos a letra da música de Sandra Peres e Paulo Tatit. Chame a atenção para os questionamentos: Quem sou? Onde estou? Pra onde vou?

Procure fazer, em conjunto, uma reflexão sobre a vivência de cada aluno. A vivência deles é de relação com os elementos naturais? ■

A hora e a vez dos livros...

Articulando sujeito (o aluno), corpo e arte: retome a canção suavemente e acrescente um ingrediente visual ao ambiente – tecidos em batique, de preferência com motivos/estampas indígenas. Se a escola não conseguir esse tipo de estamperia, poderá adornar as paredes da sala com gravuras (ou qualquer outro tipo de reprodução) de batique.

Aguçada a sensibilidade, faça uma roda com os alunos e mostre os livros da coleção, que deverão ser passados de mão em mão.

Deixe-os tocar o objeto “livro” e também partilhar comentários e opiniões. Chame a atenção para as ilustrações da capa: o que há em comum entre elas?

Relacione a técnica batique utilizada pela ilustradora com os tecidos e/ou gravuras expostos: *em cada detalhe, muitos significados.* ■



Trabalhando a leitura

Voz do professor:

SOL, LUA, ESTRELA...

Era uma vez sete irmãozinhos sem pai nem mãe. [...] Os curumins ficaram sem ter com quem morar. Passavam o dia com fome. E a noite com frio... Até que os meninos se tornaram estrelas.

E, ainda, aguçando o interesse do aluno: vocês sabem por que o Sol anda devagar?

Os carajás dizem ter havido um tempo em que a Terra era um lugar muito escuro e muito frio. Isso porque no céu não havia luz do Sol, da Lua, nem das estrelas.

E, a cada leitura, em dias ou momentos variados. Em ambientes aconchegantes, na sala, na biblioteca. Em voz alta, em silêncio... Um jeito novo de olhar o mundo. E o leitor construindo sentido para o que ouve, para o que lê.

A leitura das lendas proporcionando ao aluno o encontro com textos que lidam simbolicamente com o real

Caiu chuva tão forte, tão forte, que durou dias e noites. A água subiu, saltou dos rios, encobriu os campos, as matas e por fim os montes. Não se via árvore, bicho, uma ave que fosse. Todos haviam fugido ou sido levados pela enchente. A tartaruga, não. Ela não foi boba. Não fugiu para o monte como fizeram os outros.



Múltiplos olhares: o diálogo entre duas linguagens

E a voz do narrador conduz o ouvinte: No começo dos tempos, os carajás não sabiam plantar. Não conheciam a gostosura que é comer mandioca, milho, batatinha e ananás. [...] Junto do rio Berô-Can – nome carajá para o Rio Araguaia –, moravam duas moças, Imaerô e Denakê. [...]

– Quem é você?

– Sou Tiná-Kan, a estrela. Ouvi você dizer que me queria. Aqui estou...



Ao terminar a leitura da lenda "As noivas da estrela", de Hernâni Donato, proponha uma sessão de vídeo *Tiná-Kan, A Grande Estrela*, que traz uma nova leitura, outro olhar sobre a lenda. Agora é a linguagem cinematográfica que evoca o tema, com a mesma intensidade poética.

Os dois suportes textuais aproximam o leitor da cultura do índio carajá, estimulando o estabelecimento de relações de semelhança entre eles. Entretanto, o professor deve conduzir o aluno a perceber que são linguagens diferentes: no vídeo, há o recorte de imagem de diferentes ângulos. Sensação do movimento da câmera de filmagem (diferentes enquadramentos dos espaços). >>

FICHA TÉCNICA DO FILME

Tiná-Kan, A Grande Estrela

Direção: Adriana Figueredo

Ano: 2006

Classificação indicativa: Livre

www.programadorabrasil.org.br



E, ainda,

VALE A PENA...

A elaboração de um projeto interdisciplinar, após a leitura das lendas. Sugerimos que todos se envolvam na elaboração da atividade, pois essas versões abordam temas fundamentais à sociedade contemporânea. Estamos diante de relatos míticos que enfocam valores éticos, questões ecológicas, princípios de solidariedade, problemas sociais ou mesmo políticos.

Antes de se dedicarem à elaboração do projeto, propomos, ainda, alguns estudos para aprofundar o assunto:

Buscar a Memória das Palavras

O Brasil é um país multicultural. Aqui, em nossas terras, convivem mais de 225 povos diferentes, falando 180 línguas e dialetos, vivendo em todos os estados dessa imensa nação.

Curiosidade: a língua portuguesa original trazida para o Brasil tinha 140 mil palavras. Atualmente, o português falado em nosso país tem 260 mil vocábulos. Grande parte desse aumento deve-se à incorporação de palavras das línguas africanas e indígenas. Para os índios, procedentes de diferentes grupos étnico-linguísticos, elas, as palavras, possuem “espírito” e refletem o sagrado.

Então, que tal criar um *Livro/Dicionário Ilustrado* que traga palavras elencadas de A a Z, de origem indígena, usadas atualmente em nosso vocabulário e, também, vocábulos retirados dos livros da coleção *Lendas Indígenas*?

Exemplos: abacaxi, açaí, aracaju, capivara, catapora, jabuticaba, mandioca, mingau, peteca, pipoca, pitanga, sabiá, saci e tantas outras.

ATENÇÃO: consultar os sites www.areaindigena.hpg.ig.com.br/dicionario.htm e <http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/influenc.htm>.

Divulgar o *livro/dicionário ilustrado*, em uma Feira Cultural ou durante a culminância do Projeto Interdisciplinar. ■



Explorando a leitura

Os índios de nossa terra buscam, ainda hoje, protagonizar e conquistar o exercício pleno de sua cidadania, seja por meio de seus saberes, seja por meio de suas práticas medicinais, línguas, religiões ou, principalmente, por meio de suas concepções do Universo.

Assim nos é colocado o desafio de compreender e respeitar os povos indígenas. Conseqüentemente, torna-se fundamental que os não índios conhe-

çam a origem das lendas dos índios, onde e como vivem, quais seus sonhos, o seu estar no mundo. Faz-se necessário contextualizar, portanto, a “obra lida” para que o horizonte de experiências do leitor se amplie.

Vamos concluir, assim, a pesquisa abaixo, buscando nos aproximar um pouco mais da *identidade cultural* desses povos:



Lenda	Povo	Tronco Família	Região onde vivem	População	Arte Artesanato Cestaria	Cantos Danças	Sabores Alimentos
POR QUE O SOL ANDA DEVAGAR A DESCOBERTA DAS FRUTAS AS NOIVAS DA ESTRELA	Carajá	Macro-Jê Carajá	Ilha do Bananal, Tocantins. Pará e Mato Grosso.	Cerca de 8 mil pessoas			



Lenda	Povo	Tronco Família	Região onde vivem	População	Arte Artesanato Cestaria	Cantos Danças	Sabores Alimentos
A BARCA DA TARTARUGA	Guarani	Tupi Tupi- -Guarani	Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Pará	Cerca de 46 mil índios			
OS MENINOS QUE SE TORNARAM ESTRELAS	Taulipangue	Caribe	Norte do Planalto Mato-Grossense, Roraima, Vale do Amazonas	Cerca de 600 índios			
QUANDO OS BICHOS ERAM GENTE	Caiowá/ Caiuá	Tupi Tupi- -guarani	Mato Grosso do Sul	Cerca de 27 mil índios			

Como você pôde perceber, há um universo a ser descoberto e lido na arte, no artesanato, na dança, nos grafismos, na religião e na língua indígenas pelo seu aluno e por nós, mediadores de leitura. Todos esses povos constituem raiz para nossa brasilidade.

Elaborar com os alunos um grande painel com essas descobertas e fazer uma exposição. ■

Roland Barthes, em *Aula* (1977, p. 18), segundo as professoras Sandra Vivacqua e Norma Lucia, endossa a tese da interdisciplinaridade na prática educativa, semelhante àquela proposta nos Parâmetros em Ação (2001):

[...] a literatura assume muitos saberes [...]; trabalha nos interstícios da ciência [...]

Se todas as nossas disciplinas dessem ser expulsas do ensino, exceto uma, a disciplina literária é a que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

O universo da literatura indígena está repleto de conhecimentos geográficos, científicos, linguísticos, filosóficos... Daí a sugestão do projeto Pluralidade Cultural: Sabores e Saberes, para ser desenvolvido durante o ano letivo a partir da leitura das adaptações de Hernâni Donato.



Educação Física e Geografia: Festival Folclórico de Parintins

O festival folclórico de Parintins, no Amazonas, tem sua história representada pelos grupos de boi-bumbá ou bumba meu boi. Durante três noites de apresentação, o Boi Garantido, de cor vermelha, e o Boi Caprichoso, de cor azul, exploram as temáticas regionais, como rituais indígenas, lendas, costumes dos ribeirinhos, por meio de alegorias e encenações.



1.º momento – Para envolver seu aluno e mostrar a grandiosidade do espetáculo, leve para a sala de aula uma toada, canção que acompanha as três horas de encenação. Selecionamos uma toada, do grupo Boi Garantido,

cujo tema relata o universo mítico do povo carajá.

Ouç-a com seus alunos e, em seguida, converse sobre o acompanhamento dos ritmistas e a letra da toada. Cante! Dance!

Carajá, O Povo das Águas Boi Garantido

Habitantes do vale, o mundo das águas
Cristalinas, nascentes de lágrimas
Carajá, o povo Berahatxi Mahadu
Clamava o guerreiro Kynixiwe,
Herói mítico, do fundo das águas
Do antigo rio frio Araguaia

A cobiça do carajá emergiu
Como um brilho no rio
Desvendando um mundo
De floresta e riquezas
Lindas praias de rara beleza
Um lugar da mãe da gente
Que encanta os seres tribais

Mas escondia a certeza da morte
O funesto fatal e na volta ao fundo do rio
Impedidos por Koboí, a cobra animal
A rainha do povo das águas

E viverão nas margens do Araguaia
Na floresta, caçando animais
No rio, a fartura de peixes,
Na terra, o chão onde brotam
os vegetais

Carajá, carajá
Ah, ah, ah, o povo das águas
Carajá, carajá
Ah, ah, ah, o povo das águas,
Das águas, das águas
Do Rio Araguaia

2.º momento – Leitura cartográfica: onde fica Parintins? Como chegar lá? Quem são seus habitantes? Como vivem?

3.º momento – Conhecer a estrutura do festival, as etapas da festa (grupos folclóricos Garantido e Caprichoso; Bumbódromo; música; ritual; personagens da festa: apresentador, levantador de toadas, figuras típicas e outros; galera; jurados). Para ampliar as informações, sugerimos que pesquisem “Amazônia de A a Z: Festival Folclórico de Parintins – Portal Amazônia”.

4.º momento – A culminância da atividade poderá ser uma releitura teatral ou de uma etapa do festival. Como exemplo, sugerimos a encenação do Ritual dos Bumbás, que mostra a lenda de Pai Francisco e Mãe Catirina que conseguem, com a ajuda do Pajé, fazer renascer o boi do patrão.

Educação Artística: outro olhar por meio de oficinas temáticas

O trabalho artístico é um fio condutor de extensas narrativas dos povos indígenas, daí a importância de vivenciá-lo por meio de oficinas temáticas.

1.º momento: Técnica batique

Chame a atenção do leitor: A ilustração tem linguagem própria, com *sintaxe* e *técnicas específicas* que interferem sutilmente na leitura. Como isso se dá na proposta desses livros?

Questione seus alunos: A linguagem plástica da coleção Lendas Indígenas, da Editora Melhoramentos, permite ao leitor “um tipo de fruição estética” em nível visual?

Veja que a narrativa imagética de Mônica Haibara tem o cunho de um viés antropológico sobre a importância do povo indígena e de sua arte pictórica.

Informe-os de que o batique é uma técnica de tingimento artesanal em tecido; o efeito final é produzido por sucessivos tingimentos no tecido, protegido por máscaras de cera, em que somente as partes não vedadas pela cera são tingidas. Convide-os a *confeccionar* tecidos em batique (pesquise como fazer na internet ou convide alguém da comunidade que saiba para orientá-los).



2.º momento: Artesanato, o legado

Eu faço todos os tipos de artesanato, faço brincos de coquinho de tucum, faço brincos de penas de papagaio e de periquitos. Também faço brincos de uma madeira que se chama braúna.

Com a madeira do angico vinhático e arruda, eu faço gamelas, colheres, pilão e colares.

Com as madeiras e sementinhas da mata, posso tentar mauí e com dentes de caititu, sariguê, paca, macaco e outras caças. Eu gosto muito de fazer artesanato, porque é a minha arte e faz parte da minha cultura.

Aqui na aldeia é assim, todos fazem artesanato.

(PATAXÓ, Kanátyo. *O Povo Pataxó e Sua História*. MEC/UNESCO/SEE-MG , p. 41)

Informar aos alunos que grande parte dos indígenas brasileiros vive do seu trabalho com recursos naturais – madeira, sementes, penas de aves, casca das árvores e outros. Mas é importante ressaltar que a utilização desses recursos não é predatória: a exaustão dos bens naturais não faz parte do sistema econômico indígena.

Convidar indígenas (descendentes) da comunidade para ensinar os alunos a confeccionar cestas, cerâmica, trançados, instrumentos musicais.

Fazer releitura simbólica de uma lenda de Hernâni Donato, utilizando pigmentos e recursos naturais, combinados com materiais rústicos ou reaproveitados.



Ciências: Saberes e sabores

Segundo o antropólogo Darcy Ribeiro, os índios compuseram, nos milhares de anos em que aqui viveram antes da chegada dos europeus, uma sabedoria copiosa na convivência e aproveitamento equilibrado da floresta, no nome que deram às frutas, ervas, árvores, rios, lugares e animais. Eles identificaram sessenta e quatro tipos de árvores frutíferas, cultivaram muitas plantas, como milho, mandioca, amendoim. Alimentos que fazem parte do cardápio do brasileiro hoje.

No entanto, o hábito da roça e o conhecimento do plantio foram se perdendo, porque os índios se viram forçados a migrar com a chegada de invasores. Pode-se afirmar que 85% das terras indígenas são objeto de diversos tipos de invasão, como abertura de estradas, hidrovias, a presença de garimpeiros, madeireiros e outros.

A despeito dos problemas, os idosos que mantêm o hábito da roça afirmam:

Temos muitas crianças desnutridas e pessoas com diabetes, hipertensão e dores no estômago. Antigamente não havia esses problemas, por isso vimos a importância de resgatar os alimentos tradicionais e naturais para o nosso povo. Para isso nos reunimos e decidimos fazer uma horta comunitária, em que os jovens vão aprender como plantar e poderão vender o excedente na cidade.

(Prêmio Culturas Indígenas – depoimento de um tikuna, p. 247)



1.º momento: Sabores

Fazer uma “ceia” com comidas típicas indígenas, usando, principalmente, a mandioca. Aproveitar o livro/dicionário ilustrado para conhecer quais são os alimentos que os índios nos deixaram como legado. Saborear os alimentos, sucos e frutas.

Posteriormente, juntos, catalogar os valores nutritivos desses alimentos. Para que servem? Curam quais doenças?

2.º momento: Saberes

Existem muitos projetos de hortas comunitárias no Brasil e em outros países. Na maioria dos lugares onde o projeto já foi implantado, as hortas tornaram laboratórios vivos para discutir saúde, nutrição, economia e outros temas.

Consulte:

<http://www.fn-de.gov.br/portal/index.php/noticias-2005/1489-mec-e-fao-desenvolvem-projeto-de-horta-escolar>.



Então, mãos à obra

Convide os alunos para observar os espaços livres da escola e avalie qual seria o mais adequado para uma horta escolar. Caso não haja espaço físico, a instituição escolar pode recorrer a um órgão público, solicitando parceria, para que a horta possa ser feita num espaço comunitário. Caso essa proposta não seja viável, é possível fazê-la em extensão menor, plantando ervas, verduras e alguns legumes em vasos.

Pesquise como preparar a terra, como selecionar mudas e sementes e como plantá-las. Procure envolver toda a comunidade escolar. Com certeza, o envolvimento efetivo fará toda a diferença.

Depois, converse com os alunos sobre o valor nutritivo desses alimentos.

Outros Saberes

O conhecimento das propriedades terapêuticas das plantas faz parte da cultura oral transmitida de geração para geração. A flora brasileira é riquíssima. Exemplos são utilizados pela população como plantas medicinais, por isso é importantíssimo que nossos alunos as conheçam. Sugerimos, então, algumas atividades:

Fazer levantamento das plantas medicinais conhecidas pelos alunos e fazer pesquisas sobre outras.

Após as pesquisas e com todo o levantamento feito, os alunos devem catalogar os diversos tipos de plantas medicinais (planta, utilização, parte da planta utilizada, forma de utilização e toxicidade), como no exemplo abaixo:

Nome vulgar	Nome científico	Parte usada	Indicação
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Folhas	Afecções febris, inapetência
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Folhas	Afecção dos rins, dor intestinal, dor de ouvido
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Florais secos	Insônia, inapetência
Carqueja	<i>Baccharis ochracea</i>	Hastes	Afecções hepáticas, diabete, males do fígado
Cravo-da-índia	<i>Syzygium aromaticum</i>	Botões florais secos	Higiene bucal, micose de unha, vermes



Língua Portuguesa: Articulando discursos

Por ora [meu caro amigo], à distância de seu corpo, confio-lhe meu espírito, que sem poder pairar sobre as águas, ainda assim inventa o mundo.

(Eliana Yunes)

Cabe a essa disciplina encurtar distâncias, confortar o espírito e inventar o mundo, articulando os diversos discursos do roteiro de leitura e do projeto interdisciplinar.

Para isso, caro colega, crie um blog (ou revista ou, ainda, um mural) em que os envolvidos na leitura das obras de Donato e participantes das propostas deste roteiro possam relatar as atividades desenvolvidas, postar os resultados das pesquisas e o dicionário de verbetes indígenas, mostrar fotografias de suas atividades artísticas, compartilhar o discurso do Grande Chefe Seattle, revelar suas descobertas científicas e, por fim, *configurar uma terceira história.*

Para terminar

Essa temática tem uma riqueza de possibilidades que torna impossível abarcar todo esse universo em um roteiro de leitura. As atividades não se esgotam. Cabe a você, caro colega, articulá-las, a partir de seu horizonte de experiências e do de seus alunos, com novos conhecimentos e novas histórias.

**Ainapó Nhacoé, Boinún.
Poé Caxé!**

Muito obrigado, meus irmãos.

Até outro Sol! ■



Compor a Educação Escolar Indígena: Um Sonho Possível

Zaqueu Key Claudino Kaingang

“Os povos indígenas, antes da colonização europeia, tinham uma vida mais digna. Viviam conforme seus costumes, ritos e tradições. Alimentavam-se da caça, da pesca e de coletas de frutas e legumes. Essa memória determina qualquer consciência histórica dos povos indígenas. Ainda que estes se reconheçam como parte da história e da cultura brasileira, desde sua auto-compreensão, sua origem é anterior e remete a um início que precede conceitos como história e cultura. O processo levado a cabo pelos colonizadores, por meio de sua concepção de trabalho e suas formas de produção, influenciou o modo de viver destas sociedades originárias vivendo em um território ocupado. Porém, hoje fazemos eco ao que alguns historiadores dizem há muito tempo: os europeus muito aprenderam com os povos indígenas e, em inúmeras situações, assumiram como seus os modos de vida dos povos originários desta terra.

Na visão dos povos indígenas, as variáveis e as interpretações, embora muitas, são determinadas por essa

memória: o território que hoje é o Brasil, após ser tomado pela colonização europeia, começou a ser depredado ao longo de sua extensão. Começando com o distúrbio e a interferência na vida daqueles que, neste lugar, estavam vivendo conforme seus usos, costumes e tradições.

Passo decisivo nessa direção foi dado na introdução das instituições de ensino em território indígena. A iniciativa dessa introdução, bem como a própria instituição, declara a desqualificação e não reconhecimento de cultura entre os povos tradicionais. Os rituais e os costumes indígenas, que vinham sendo praticados desde tempos imemoriais, estiveram então com seus dias contados; tornaram-se objetos de superação. A falta de reconhecimento dos métodos próprios de ensino-aprendizagem desses povos levou a uma crescente perda de referenciais. Os costumes tradicionais foram aos poucos sofrendo modificações, sufocados pelas ditas culturas dominantes. Desconsiderando-se o papel da oralidade e das tradições para manter conhecimentos próprios, essas sociedades foram desqualificadas e tidas



por povo sem lei, sem história, sem pedagogia e sem cultura.

Hoje, entretanto, a formação da consciência da cidadania, a capacidade de reformulação de estratégias de resistência, a promoção de suas culturas e a apropriação das estruturas da sociedade não indígena pela aquisição de novos conhecimentos úteis para melhoria de suas condições de vida são matérias em pauta nas propostas relativas à educação escolar indígena. A educação escolar que a sociedade indígena almeja hoje é a solidária e democrática, como uma das vias para a construção de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, a Lei 11.645/08 constitui-se em uma poderosa ferramenta para essa mudança social.

Embora seja tangível a distância entre o 'legal' e o 'real', nunca antes no Brasil se falou tanto em questões relevantes ao indígena, tais como: valorização da cultura, da história, do respeito aos costumes e às crenças, acesso aos conhecimentos etc. Tudo isso demonstra que, mesmo em meio a tantos percalços, um novo olhar vem sendo construído.

A Lei 11.645/08, criada e sancionada pelo presidente da República, obriga instituições públicas e privadas do ensino fundamental e médio no país a dar valor e visibilidade à cultura e à história dos povos indígenas.

Os povos de tradição oral acreditam que essa lei ajudará a resgatar a cultura, os costumes e as tradições daqueles que ao longo da história do Brasil ajudaram a formar a sociedade brasileira. Acreditam também que a implantação do artigo 1.º, em seu parágrafo 2.º, possibilite que sejam respeitados e valorizados como povos portadores de diferença étnica, plenos de autorreconhecimento.”



“As sociedades indígenas esperam dessa lei:

- que as instituições de ensino fundamental e médio transmitam, através de seus docentes, a cultura e a história dos povos indígenas de forma mais plena. Pois sabem que a discriminação deve ser combatida por meio da formação escolar;
- a capacitação de docentes para trabalhar essas questões também é imprescindível, a preparação adequada de professores para realizar essas tarefas precisará de cuidados, pois estudar uma sociedade indígena requer respeito e formação com princípios contundentes. Há necessidade de subsídios sobre a temática indígena voltada para a cultura das sociedades tradicionais;
- além de qualquer possibilidade sugerida pela obrigatoriedade da lei, a implementação dos estudos das culturas dos povos indígenas nas escolas públicas e privadas poderá, aos poucos, oportunizar conhecimentos dos saberes tradicionais dessas sociedades. Na verdade, deve-se dizer que esse é um aspecto primeiro en-

tre prioridades. E as escolas devem ter o embasamento necessário no que diz respeito a culturas indígenas; por essa razão a sociedade indígena está presente na Educação Escolar Brasileira (LDB 9394/96), referenciados no IPICNEI, Plano Curricular Nacional da Educação Indígena, e na Constituição Brasileira de 1988.

Assim, a comunicação e a apresentação de atividades sobre os povos indígenas nas escolas poderão finalmente interceder pela sobrevivência histórica e cultural de povos que ao longo da história da educação brasileira foram marginalizados.”

(Séculos Indígenas no Brasil – Fórum de Atualização sobre Culturas Indígenas. Módulo II. Disponível em: www.seculosindigenasnobrasil.com. Acesso em 20 jan. 2011.). ■



REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1978.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

MUNDURUKU, Daniel. *A Palavra do Grande Chefe*. São Paulo: Global, 2008.

Nos caminhos da literatura [realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. São Paulo: Peirópolis, 2008.

Prêmio Culturas Indígenas. São Paulo: SESC SP, 2008.

QUEIRÓS, B. C. de. *Era uma Vez uma Escola... Memórias pedagógicas da escola em Minas Gerais*. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. *Imagem – Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua von; QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. *As Relações Intertextuais no Ensino da Literatura*. Brasília: CEAD/UnB, 2008. ■

SITES

www.museudoindio.org.br

www.funai.gov.br

www.socioambiental.org

www.fengshuibrasil.com.br/imprimir/discurso.pdf

<http://blog.cidandrade.pro.br/cartas/carta-do-cacique-seattle-da-tribo-suquamish-do-estado-de-washington> ■

